

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 158	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entregas		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	650	\$120	11 DE MAIO 1883	LISBOA, RUA DO LOBATO, ESTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Posseções ultramarinas, (idem)	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca)	15\$000	7\$500	-	-		

Todos os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

CHRONICA OCCIDENTAL

Graças á iniciativa do nosso collega o *Correio da Noite*, os jornaes de Lisboa vieram finalmente a um accordo intelligente e util acerca de uma questão importantissima e assustadora na actualidade: — a questão dos suicidios.

A imprensa de Lisboa resolveu não dar mais publicidade ás noticias de suicidios, a essas tristes e contagiosas noticias, que com a sua besbrote não faziam senão reproduzir-se lugubrememente por todo o paiz, levando a muito desgraçado essa idéa terrivel do ponto final na desgraça, que não lhe passara ainda pelo espirito attribulado, ensinando a outros a maneira de realizar esse negro projecto, o meio pratico de desenlazar rapidamente o drama da vida, e finalmente circundando o suicidio de uma aureola de celebridade reles, que fascinava as almas romanticas e doentias, e as fazia procurar a nomeada triste d'essa publicidade, a que a rhetorica chochia do noticiario dava as apparencias lyricas de um romance sentimental.

Chegando a esse accordo, tomando essa resolução, a imprensa de Lisboa fez uma acção boa e humanitaria.

Sacrificando o interesse mesquinho da *commerage* de senhoras visinhas dos seus leitores, ao interesse geral do publico, o jornalismo de Lisboa poupou muitas lagrimas ignoradas e furta muitos cadaveres ao cemiterio.

Não é uma phrase qualquer rhetorica, a phrase o — crime é contagioso; não a fez uma exigencia de estylo, sel-a a experiencia dos factos, a observação da verdade.

Está provadissimo por milhares de exemplos, que o espirito imitativo caracterisadissimo no homem, e que deu á litteratura a lenda dos carneiros do Pannurgio, e que dá ás theorias de Darwin um argumento possante, revela-se muito mais ainda no crime do que na heroicidade, e pela simples razão de ser muito mais facil. É esse espirito de imitação que torna o mal contagioso, é esse contagio que dá as reboadas de crimes que ás vezes parecem atravessar certos paizes, certas povoações.

Por exemplo: ha pouco tempo commetteu-se nos arredores de Paris, em Chatou, um crime horrivel, um assassinato revestido dos mais infames pormenores, que ficou celebre nos annaes judiciais da França pelo nome de crime do Pecq.

Os jornaes francezes contaram com todas as minuciosidades horrorosas esse horrivel crime. Pois bem! D'ali

a poucos dias, n'outro arrabalde de Paris, commettia-se crime identico, quasi nas mesmas circumstancias, quasi com as mesmas particularidades.

O crime de Tropmann, teve immediatamente o seu echo em varias aldeias de França, e é por isso talvez, por essa lei fatal do crime, da reprecuação, que a sabedoria das nações creou o proverbio — uma desgraça nunca vem só!

Muito mais contagioso do que o assassinato e de que o roubo é o suicidio.

Chega a ser lugubrememente curioso percorrer os jornaes nos dias immediatos ao da noticia d'um suicidio qualquer mais extravagante. Essa mesma noticia repete-se com os mesmos pormenores, ordinariamente um pouco mais aperfeiçoados, durante numeros e numeros successivos do jornal, e mudando apenas de protagonista.

Uma vez, ha pouco tempo os jornaes de Lisboa noticiaram uma formula nova de suicidio — o atirar-se ao rio de bordo d'um vapor da carreira de Cacilhas. Foi o bastante para começar uma chuva persistente de suicidas de bordo dos vapores de Cacilhas e de Belem para o Tejo.

Foi esta febre contagiosa da imitação do crime que deu á antiga muralha de S. Pedro d'Alcantara a sua lugubre celebridade, e as suas grades!

Ha um pequeno romance francez, não me lembra de quem, apesar de o ter traduzido em folhetins ha annos no *Diario da Manhã*, intitulado a *Guarita*, que é um bello estudo psychologico do suicidio.

Um soldado vae de sentinella de noite, para a guarita onde na vespera se suicidou um seu camarada.

E essa idéa do suicidio começa a apossar-se d'elle; quer arrancar-a do cerebro, e não póde; quer pensar n'outra coisa e não o consegue. O suicidio domina-o, tortura-o, e mata-o finalmente, na mesma guarita, com os mesmos pormenores com que na vespera se matára ali mesmo o seu companheiro.

Eu todas as vezes que lia nos jornaes de Lisboa as noticias de suicidios, com as suas minuciosas descripções de romance realista, com a historia circumstanciada dos modos porque o suicida obteve o veneno, com que se matou, ou a maneira engenhosa como armou o laço em que se enforcou, pensava tristemente na lugubre guarita, e punhame a scismar em quantas mortes iria fazer esse morto e a quem o jornal dava uma celebridade momentanea.

E' por tudo isso, que hoje louvo o *Correio da Noite* pela sua humanitaria iniciativa, e os jornaes de Lisboa pela sua prompta adhesão fazendo votos porque á suppressão das noticias de suicidios se siga rapida a suppressão das noticias de assassinatos largamente e minuciosamente historiadadas, do *compte rendu* dos roubos com narração detalhada de todo o seu mecanismo habil, das proezas dos gatunos com todos os parographos da nobre arte de furtar e dos inqueritos policiaes, com perguntas e respostas, formando um curso completo dos *trucs* e artimanhas de que os larprios se servem para roubar o proximo, e das *ruses* intelligentes e habéis para fugir ás perguntas da policia!

Oxalá que um dia breve tudo isso desapareça dos jornaes, e que essas tagarellices de senhoras visinhas desapareçam e cedam o campo ás noticias serias e uteis das investigações scientificas, dos progressos materiaes e intellectuaes da sociedade, do an-



COSTUMES PORTUGUEZES — MULHER DOS ARREDORES DO PORTO

(Desenho do natural por M. Macedo)

damento brilhante da arte e da litteratura, a todas essas grandes e santas coisas que deviam ser o assumpto constante do jornalismo, occupar todo esse enorme espaço que hoje se gasta em contar ao mundo e em communicar á posteridade, que a sr.^a D. Josepha faz annos, que o sr. Silva teve uma bronchite, e que o Pé Leve abriu com uma gazua a porta da mercearia do sr. Pires.

— Madrid acaba de abrir uns novos horisontes a arte portugueza! A companhia do theatro do Gymnasio que ali foi dar uma serie de 30 representações no theatro da Comedia teve um exito colossal, e está fazendo na capital do reino visinho um verdadeiro successo.

D'esse successo enorme, que os proprios jornaes madrilenos celebram em phrase pouco usada, a principal promotora, o grande idolo é a nossa primorosa actriz Lucinda Simões.

Todos os portuguezes devem folgar com esse successo tão brilhante, e nós congratulando-nos por elle, temos dois motivos para o apreciar mais do que ninguem, um, porque somos sinceramente afeiçoados á notabilissima actriz, o outro porque esse successo é nem mais nem menos de que o triumpho completo e ruidoso da nossa opinião critica pessoal.

Ha sete annos, desde que vimos Lucinda Simões representar a *Dalila* no theatro das *Varietades* que nos esfalfamos em clamar que Lucinda é não só incontestavelmente a primeira actriz portugueza, como tambem uma actriz extraordinaria que não tem muito no theatro contemporaneo Europeu, quem se lhe ponha a par.

A Hespanha que tem visto ultimamente as maiores celebridades dramaticas contemporaneas acaba de sancionar unanimemente a nossa humilde opinião.

Ha um proverbio que diz que ninguem é propheta na sua terra. Lucinda Simões comprehendeu-o, e depois de o ser no Brazil é-o agora em Hespanha.

Em Portugal o seu esplendido e collossal talento, não deixou de fazer milagres — e não cito outro proverbio, para não dar a esta chronica uma feição denominadamente pronunciada de sabedoria das nações — teve muitos triumphos, muitas ovações, mas apezar d'isso encontrou ainda no seu hymno triumphal, algumas notas dessidentes: a Hespanha agora fez-lhe a consagração europea do seu modernissimo e excepcional talento.

Felicitemos-a vivamente por isso e felicitamos pelo decidido e glorioso exito alcançado pela arte portugueza nos palcos hespanhoes.

A imprensa madrilena, dando a larga parte do successo da companhia portugueza a Lucinda Simões, distribue fartos elogios por todos os outros artistas que circumdam essa estrella de primeira grandeza no theatro da comedia.

Entre esses artistas figuram no primeiro plano Beatriz Eloy e Montedonio, e a respeito d'este ultimo notavel artista a critica hespanhola não poude formar ainda o seu juizo definitivo porque o não viu ainda nos papeis em que elle é verdadeiramente superior, os centros comicos bem accentuados.

De Valle, outro excellente actor comico da companhia portugueza do theatro da comedia, ainda a critica de Madrid nada disse, porque até ás ultimas noticias ainda se não tinha estreado.

Taborda, o grande Taborda, o primeiro actor portuguez ainda passeia em Lisboa a sua cara eminentemente comica e o seu bello humor jovial, imaginem o que não dirão os jornaes de Madrid, quando elle apparecer a illuminar o palco do theatro da comedia com o seu colossal talento.

Antonio Pedro não teve grande successo em Madrid, e comprehende-se isso em vista do extraordinario exito do *Demi-Monde*.

O publico e a critica de Madrid estão em plena evolução artistica, pelo que se vê: a arte moderna é o que mais lhe agrada, e Antonio Pedro forçando decerto a nota dramatica dos seus papeis, imaginando tirar d'isso grande effeito ante um publico afeiçoado ao melodrama, caiu por isso mesmo no desagrado do mesmo publico, que tem já na arte um ponto de vista muito differente.

Esperamos porém, que as platéas e a critica de Madrid farão ainda plena justiça ao notavel artista portuguez, e que Antonio Pedro dominando os seus exageros seja ainda muito e justamente applaudido em Hespanha.

Em todo o caso o que é incontestavel é o grande successo da *troupe* portugueza em Madrid, um successo sem precedentes em Hespanha, é que a arte portugueza tem alli novos horisontes abertos á sua exploração e que os nossos actores descobriram um Brazil aqui ao pé da porta, sem quinze dias de viagem, e sem febre amarella.

Felicitemos-os por isso, e agradecemos como portuguezes á imprensa e ao publico de Madrid, a amabilidade bizarra de que tem dado prova para com os nossos artistas.

— Não se pode negar que na vida do mesmo modo que no jogo ha momentos de azar e momentos de sorte.

A empresa do Gymnasio está agora n'um d'esses momentos felizes. Ao mesmo tempo que a sua companhia portugueza está fazendo *successo* em Madrid, o theatro está-lhe rendendo em Lisboa rios de dinheiro com a somnambula Zanardelli.

E é tanto mais para estranhar o *successo* de dinheiro da sr.^a Zanardelli quanto tem feito fiasco ruidoso todas as somnambulas, que tem vindo dormir o seu somno fucido para os palcos de Lisboa.

E' verdade porém, que nenhuma d'essas somnambulas era tão formosa, tão distincta como a bella italiana Emma, e que nenhum dos magnetisadores se pode comparar nos seus trabalhos com o dr. May.

E esses trabalhos são tão notaveis, que tem intrigado toda a gente em Lisboa, a começar pelos homens da sciencia, que tem seguido com curiosidade as experiencias magneticas feitas em Emma, e que não sabem ainda como explicar aquelles phenomenos, que se saem do campo da sciencia para o da arte, não são por isso menos maravilhosos. E saem? E não saem? E' esse o thema constante das renhidas e ruidosas discussões que todas as noites estouram em cada grupo no salão e nos corredores do Gymnasio.

Sciencia ou arte, os trabalhos de Emma Zanardelli são realmente interessantissimos e estão fazendo grande sensação em Lisboa, e a empresa do Gymnasio está ganhando dinheiro a dois carinhos. E a tal coisa, está em sorte!

Gervasio Lobato.

O REINO DE SIÃO

E OS SEUS EMBAIXADORES

Na grande península transgangetica, que tem o aspecto de uma ampla península, dividida quasi ao meio pelo golfo de Sião e rio Menan, existe o reino d'aquelle nome.

Esse reino que assenta pelo sul sobre a borda do golfo, conhinha pelas tres outras partes com o imperio dos Birmans, a China e os territorios d'Anam.

Na parte do sul a sua vegetação é poderosa, e para as alturas, onde o terreno é menos pantanoso do que nas proximidades dos rios, os panoramas e as paizagens offerecem muita novidade.

Tendo uma superficie proximamente de oitocentos mil kilometros quadrados, a sua população attinge quasi a 7.000.000 de habitantes, segundo alguns, posto que outros a avaliem em muito menos.

É formada por uma mistura de chinezes, malaios, anamitas, peguanos, etc.; os siamezes propriamente ditos, talvez não formem metade da população, sendo a colonia mais numerosa a dos chinezes, que representa proximamente um quinto d'ella.

Os usos e costumes dos siamezes são muito singulares, offerecendo contrastes que não podem deixar de impressionar o pensador.

A infancia forma o primeiro contraste com os adultos; porque as creanças são em geral bonitas, bem feitas, alegres e vivas, ao passo que pelo seu desenvolvimento, o uso do betel que mascam constantemente, lhe altera as feições, enegrecendo-lhe os dentes, dilatando-lhe a bocca, engrossando-lhe os beicos.

As mulheres, com relação a feições, especialmente até aos 14 ou 16 annos, são relativamente supportaveis, e as suas formas plasticas nada tem que invejar á mais perfeita estatuaria.

Os homens dotados de um cabello espesso e duro, usam-n'o rapado, conservando apenas um topete no alto da cabeça, as mulheres possuem um cabello macio, fino, abundante e cuidadosamente tratado, que tambem rapam desapiadadamente, prejudicando com isso o seu aspecto geral.

O vestuario tanto de uns como de outros consiste apenas em um pedaço de fazenda, que levantam pela parte posterior, prendendo-o na cinta pelos dois extremos; dão-lhe indifferentemente o nome de panhe ou langotim, o que allude grosseiramente um soneto de Bocage; as mulheres deitam, além d'isso, uma charpa ou banda de um hombro ao outro.

Indolentes ou preguiçosos, dedicam-se muito pouco ao trabalho, sendo os estrangeiros quem principalmente exploram o paiz e d'elle recolhem os productos.

Os siamezes chamam-se a si proprios *Thai*, isto é, *homens livres*, e comtudo elles tem toda a humildade de um povo reduzido ao estado de servidão.

O homem de mais elevada posição está diante do rei de joelhos e com os cotovellos fincados em terra; ninguem passa diante do palacio real sem se descobrir, e fazer as mais profundas reverencias; os proprios grandes senhores ou devem fechar o seu para-sol, ou ao menos inclinal-o para o lado opposto; os numerosos barqueiros que passam pelo rio, devem ajoelhar-se e descobrir-se até que passem esse logar sagrado, senão a guarda, sempre vigilante, irá punir com uma pedra despedida das suas bestas o imprudente que faltar a este dever. D'ali para baixo, o mesmo acto de submissão é praticado por cada inferior para com o seu superior.

Uma grande qualidade tem porém este povo, é o amor da familia levado a um grau estimavel. Se succede um desastre qualquer ao pae, mãe, filho, irmão, primo etc. toda a familia accede com os seus serviços, com os seus subsidios para alliviar a doença, o infortunio que afflige o parente.

Se se faz festa a uma creança o pae, a mãe se regozijam com isso e pedem á pessoa que o acaricia que volte a vel-a.

As mulheres gozam de grande liberdade e é rarissimo que uma esposa falte ao respeito que deve ao thalamo conjugal.

E comtudo existe a escravidão: já composta dos prisioneiros de guerra, distribuidos pelo principe aos seus subditos indifferentemente; já aquelles que não podendo pagar as suas dividas, pagam com a liberdade, podendo porém resgatar-se, e já pela ultima classe que são os não resgataveis.

Na 2.^a classe ha uma singularidade. Estes paes carinhosos, estes maridos ternos e dedicados se se acham endividados ou não podem solver seus compromissos entregam um filho, uma filha, e até a mulher, se a comprarem, como é vulgar, em pagamento, e ainda quando a mulher não foi comprada e é livre e tem bens seus, tambem pôde pagar com ella, se esta n'isso consentir!

Mysterios do coração humano.

O governo é exercido por dois reis, chamados o primeiro e segundo rei; o segundo porem goza uma perfeita sinecura, não exercendo poder algum, tendo só o direito de levantar do thesouro real o que precisa para as suas despezas, e alimentando a esperança de succeder um dia ao seu primeiro rei.

Até ao advento do ultimo rei Mongkut, fallecido em 1868, a administração do paiz era desgraçada. Este homem, um verdadeiro erudito, que conhecia muitos idiomas asiaticos e europeus, inclusive o nosso, comquanto não tivesse nada de pratico, fez muitos melhoramentos no paiz; abriu canaes, construiu estradas, edificou fortalezas, construiu navios, comprou barcos de vapor, instruiu os seus soldados á europea, fundou uma imprensa e permittiu a liberdade do ensino religioso ás diversas nações, mas a administração publica continuou com os mesmos vicios, sendo o povo roubado pelos seus governadores, porque como estes satisfaziam as necessidades do cofre real, não era preciso mais nada.

O actual rei Sondrecht-Phra-Paramendr-Maha-Shulalon-Korn, quinto soberano da dynastia reinante, que nasceu a 21 de setembro de 1853, e subiu ao throno na idade de 15 annos, recebeu uma educação completa á europea, dirigida por seu pae, e tem dado provas da sua intelligencia illustrada, com as reformas que tem introduzido no paiz, parecendo querer completar pelo lado moral, a obra que seu pae havia começado pelo lado material.

Em um povo com o amor da familia, como acima dissemos, basta uma boa direcção para lhe levantar as outras virtudes, ainda adormecidas, mas que todas nascem d'essa fonte sublime.

O que impressiona o estrangeiro no reino de Sião além das bellezas naturaes, são os seus edificios de prodigiosa riqueza.

Os magnificos pagodes e palacios que adornam as cidades e outras povoações são de uma belleza, estranha para nós.

Em geral são construidos de tijolo, cobertos de porcelanas, telhas envernizadas, douradas etc. que deslumbram. As estatuas de Buddha ou Gautama, como lá lhe chamam são collossas e ordinariamente fabricadas de tijolo, coberto de laminas de cobre doirado, tendo-se empregado quantidade prodigiosa d'estes metaes na sua construção.

Uma só das estatuas que dormem hoje nos escambros do grande pagode de Ajuthia, a antiga capital, exigiu para a sua feitura 11.500 kilogrammas de cobre, 920 de prata e 184 de ouro!

Ajuthia foi capital do Estado até ao seculo xvii

depois esta mudou-se para Bang-Kok, que se pôde chamar a Veneza do Oriente. O rio Menan, que desempenha perfeitamente, o nome de Mãe das águas, pela sua largura e profundidade que permite aos mais alterosos navios aproximarem-se das margens, divide a cidade em duas, e uma infinidade de canaes mais ou menos consideráveis que d'elle derivam fazem as vezes de ruas.

Palacios, casas magnificas e o grande pagode onde se admira a estatua de Buddha, cuja cabeça é formada por uma enorme esmeralda, ornã as margens, que é pena estejam ao mesmo tempo recheiadas de cabanas immundas, e que esses canaes sejam tambem outros tantos depositos de immundicies e focos de infecção.

O palacio real tem alguns kilometros de circuito; dentro d'elle habitam a mulher e concubinas do rei, bastante numerosas. Uma dona respeitavel tem cuidado de tudo o que respeita ás damas, e até um corpo de gentia raparigas armadas e vestidas um tanto á escoceza, formam a guarda d'esse gynecceu impenetravel, onde dizem que os jardins, os lagos, os recreios de toda a especie desenfadã os ocios de tantas perolas escondidas.

O jogo e o theatro formam outra feição do caracter siamez. O jogo de toda a especie é estimado.

O theatro é uma coisa simples quanto ao objecto da representação, mas as actrizes vestem-se com luxo, as decorações são ricas, embora a dança, a musica e a declamação sejam monotonas e pouco agradaveis para europeus. Os siamezes porém são capazes de estar horas e horas no theatro. Ha representações que duram vinte e quatro horas.

D'este paiz longiquo, que foi visitado pelos nossos viajantes muito antes que os outros povos da Europa o conhecessem, e no qual parece ter occupado lugar eminente um nosso compatriota Constancio Falcão (?) no seculo xvii, e onde no presente seculo tambem representou papel importante outro portuguez Paschoal Ribeiro d'Albergaria, como general da Artilheria, veiu á Europa um enviado, o principe Prisdang, da familia real, muito estimado pela sua vasta instrução. E senhor de vastos dominios e gosa de muita influencia.

Veiu á nossa côrte, onde chegou em 7 da corrente, para negociar um tratado de commercio.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR O

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

A França devia celebrar a 5 do corrente, como se havia annunciado, o anniversario da invenção franceza dos aerostatos, pelos irmãos Montgolfiers, solemnidade que ficou transferida, segundo parece para o dia 5 de junho, com muito mais plausibilidade.

É justo, é licito a cada nação celebrar as suas glorias; mas não é justo nem licito fazel-o, sob color de prioridade, quando ella cabe de direito a outras nações.

A França é muito querençosa e cubiçosa de gloria, e na sua pujança de grande e singular nação que é, não olha, nem attende quasi nunca ás glorias das outras.

Já no meado do seculo xvi dizia o nosso Francisco de Moraes, no capitulo cxxxix da 2.ª parte do seu Palmeirim, com relação aos francezes: «como esta nação de gente sobre todolos outros sejam mui ambiciosos de si mesmos, todas suas escripturas vão sempre cheias de seus louvores, e os alheios os gastam e consomem quanto podem».

Quando isto já era assim, no tempo em que as suas glorias se reduziam ás guerras intestinas, e no exterior apenas eram conhecidos pelos actos de pirateria dos seus corsarios; que muito da é que, mais tarde, nos quizessem esbulhar da prioridade e gloria dos descobrimentos da costa occidental d'África?

Por aquelle mesmo tempo (1542) fazia conhecer o nosso grande geometra Pedro Nunes, a sua elegantissima divisão e gradação do astrolabio, como lhe chama Stockler, por meio da qual se pode levar a medição dos angulos até a divisões minimas dos graus em que os limbos dos instrumentos estão divididos; em 1631 o francez Pedro Vernier fazia uma simplificação a esse invento; foi o que bastou. Com quanto ainda até quasi ao principio d'este seculo essa divisão do alidade fosse conhecida pelo nome de Nonio da seu inventor Nunes, os francezes tiveram traço

de espungir esse nome e de o substituir pelo da modificador Vernier. Quem tem tanto de que se ensoberbeça, porque ha de invejar o que pertence tanto de direito aos outros?

Com os aerostatos dá-se o mesmo facto. Não só se celebra o centenario dos irmãos Montgolfiers, como inventores d'essa grande maravilha do genio do homem, mas um dos seus vulgarisadores mais conhecido hoje. Luiz Figuier, no artigo *Os aerostatos*, do seu conhecido livro *As maravilhas da sciencia*, começa o 1.º capitulo pelas seguintes palavras:

«Ninguém ignora que a invenção dos aerostatos, INVEIHMENTE DE ORIGEM FRANCEZA, pertence aos irmãos Estevão e José Montgolfier. Nada pôdeia ainda ter feito previer um descobrimento d'este genero, quando a 4 de junho de 1783, elles fizeram em Annonay a sua primeira experiencia publica.»

O desplante d'esta asserção só é excedido pela serie de erros e disparates que se encerraram nas linhas que mais adiante consagra ao portuguez-brazileiro padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o verdadeiro inventor dos aerostatos e o primeiro que se elevou ao ar n'uma machina d'esse genero, 21 annos antes que os irmãos Montgolfiers tivessem lançado ao ar, mas sem elles, o seu primeiro balão.

O sr. Figuier relegando este successo e tentativa para um canto do seu artigo, diz que Turgan, na sua obrinha sobre os balões, relere a ascensão do padre Gusmão como feita em 1736, diante de D. João V, Jepois diz que segundo outros, o facto teria succedido em 1709, e que este Gusmão era um frade do Rio de Janeiro, e completa a serie dos desconchavos, dizendo em tom doutoral:

«Nós explicaremos estas divergencias, fazendo notar que este Gusmão tem sido confundido com outro portuguez Bartholomeu Lourenço, que em 1736 (doze annos depois de morto!) fez uma experiencia que deixou recordação duradoira nos habitantes d'aquella cidade (Lisboa). Eis com effeito o que encontramos em uma obra de auctor contemporaneo do facto, e julgamos que este esclarecimento deve dissipar a confusão que muitos escriptores tem feito entre Gusmão e Bartholomeu Lourenço!»

E segue tambem fazendo um extracto do que escrevera David Bourgois na sua obra *Essai sur l'art de voler*, publicada em 1784, o qual tambem apesar de parecer ter procurado obter informações precisas, commette bastantes inexactidões, pois comquanto transcreva o requerimento do padre Bartholomeu e seu despacho com a data de 1709, falla da ascensão feita em 1736!

Mas nem todos os francezes são assim. O sr. Figuier sem sair da França, podia ter obtido esclarecimentos sufficientemente exactos, vulgarisados no seu paiz, muitos annos antes da publicação da sua obra, e por escriptores da primeira plana. Recorrendo ao *Grand Dictionnaire de Larousse*, acharia no vol. 8.º, no artigo *Gusman (Barthelemy Lourenço)* uma noticia regular do padre e do seu invento, e se deitasse os olhos para o que sob o mesmo titulo vem na *Nouvelle Biographie Universelle*, acharia um largo artigo onde o sr. Fernando Diniz condensou tudo quanto se achava até então escripto sobre o assumpto.

Em Portugal, depois do sr. Freire de Garvalho, que no anno de 1843 apresentou á Academia Real das Sciencias de Lisboa uma memoria sobre o assumpto, sendo o primeiro que com patriótico empenho começou a colligir os materiaes dispersos, pela maior parte manuscritos, para fundamentar a gloriosa reivindicção de um dos mais arrojados inventos do genio do homem para o nosso paiz, até ao sr. Dr. Philippe Simões que no Instituto de Coimbra, 3.º vol., reuniu maior numero de elementos e tratou o assumpto com mais proficiencia e ultimamente o meu antigo amigo, sr. João Vianna, tem-se escripto bastante sobre o assumpto para assentar definitivamente aquella asserção.

Sei que um distincto escriptor francez, herdeiro de um nome illustre, e já conhecido por um trabalho importante relativo a Portugal e portuguezes, está tratando de reunir os materiaes precisos para, no seu mesmo paiz, publicar uma obra onde estabeleça definitivamente aquella reivindicção, e por isso deixando ao illustre escriptor-engenheiro esse cuidado, limitar-me-hei a esclarecer a gravura que hoje publica o OCCIDENTE, e a dizer alguma coisa sobre o padre Bartholomeu Lourenço.

Os portuguezes sempre mais satisfeitos pelo que obram do que pelo que escrevem, tem sido pouco cuidadosos em conservarem pela escripta os seus feitos gloriosos. Não ha uma historia completa e perfeita dos seus descobrimentos maritimos, nem mesmo se cuida da publicação dos

documentos indispensaveis para a fundamentar, tendo desaparecido thesouros incalculaveis relativos á historia scientifica, litteraria e social, uns consumidos pela acção natural do tempo, outros pelos terremotos, nomeadamente o do 1.º de novembro de 1755.

Que admira pois que com relação ao invento e á pessoa do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão não haja nada impresso senão dos nossos dias!

Os unicos documentos impressos no seculo passado, com relação ao celebre voador, são alguns versos do faceto poeta contemporaneo Thomaz Pinto Brandão, insertos no seu *Pinto Renascido*, publicado em 1732, e o opusculo de quatro paginas, onde se acha a gravura em cobre, que hoje se reproduz em fac-simile.

Este opusculo tem por titulo — *Petição do P. Bartholomeu Lourenço sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar e suas utilidades*. Este titulo está no alto da pagina, seguindo-se-lhe o requerimento que o padre dirigiu a D. João V em 1709, dizendo-se logo que tendo ido a informar ao desembargo do paço, este informara favoravelmente, pelo que S. M. dera o despacho que se transcreve. No verso d'essa pagina vem a explicação da machina, que se vê na immediata exactamente como a nossa gravura hoje a mostra em fac-simile, e no verso d'ella ha uma advertencia ou explicação do publicador, terminando pela inscripção seguinte:

LISBOA NA OFF. DE SIMÃO THADEO FERREIRA 1774.

Esta data, porem, está errada, porque Simão Thadeo só teve officina de 1781 em diante, por conseguinte é mais natural que este opusculo fosse publicado em 1784 por algum curioso, conhecedor do invento do padre Bartholomeu Lourenço, para revindicar a sua memoria, que os descobrimentos dos irmãos Montgolfiers em França, no anno antecedente, tinham feito esquecer.

A explicação que na pag. 2.ª do opusculo se dá da machina, que ficou conhecida pelo nome de *Passarola*, e seu auctor por esta alcunha e pela de *Voador*, é a seguinte:

A. — Mostra o modo de velame que servirá para fazer cortar os ares, levando sua derrota aquella parte d'onde fór dirigida.

B. — Mostra o modo que terá para se governar, pois sem leme seguiria sua vontade, e não a de seu artifice piloto.

CC. — Apontam o corpo da barca que com o engraçado das conchas, leva em cada vão um cano, que interiormente (com folles para isso feitos) supprirão a falta de ventos.

D. — Denota o feitio de umas azas que não servirão mais que de a sustentarem, para que não caia á banda; porque tomando o vento em si, de nenhuma maneira a derribará.

EE. — Apontam as figuras esfericas, em que está o — *segredo* — attractivo: são feitas de metal, servem de cobertura para se não corromper a pedra de cevar, que por dentro do pé, que é ouco, attrahirá a si continuamente a barca, cujo corpo e de madeira, forrado de chapas de ferro, e pela parte inferior forrada de estreitas taboas feitas de palha de centeio, para a commodidade da gente, que levará até dez homens, e com o seu inventor onze.

F. — Mostra a coberta feita de arame a modo de rede, em cujos fios se tem enfiado muita somma de alambres, que com muita actividade ajudão a sustentar a barca, que pela quentura do sol fará força para attrair a si as estrellas.

G. — Mostra a agulha de marear; porque sem ella não se podem guiar.

H. — Mostra o artifice que com o astrolabio ou balestilha, compaço e carta de marear toma a altura do sol para ver onde se acha.

II. — Finalmente mostram as roldanas para por ellas se alargar mais ou menos a escota de qualquer parte que o vento faça feição.

(Continua),

Brito Rebello.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

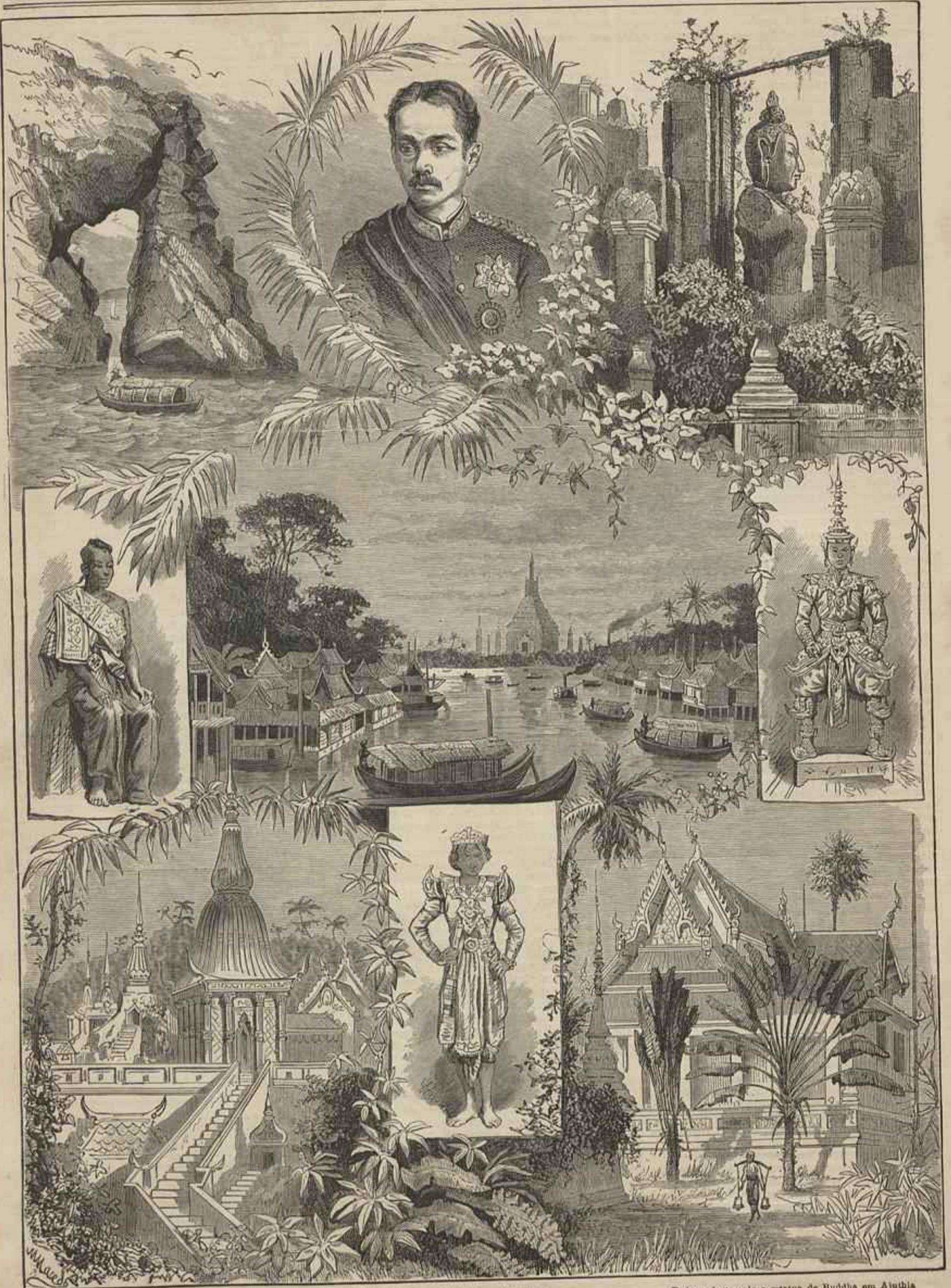
AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

3.ª carta

(Continuado do n.º 156)

A cidade do Rio de Janeiro não foi edificada primitivamente no lugar que hoje occupa. Os primeiros colonos portuguezes construíram seus estabelecimentos no espaço, que se prolonga entre o Pão d'Assucar e o Morro de S. João, a cujo agrupamento deram o nome de *Villa Velha*. D'esta primitiva povoação não existe actualmente vestigio algum.

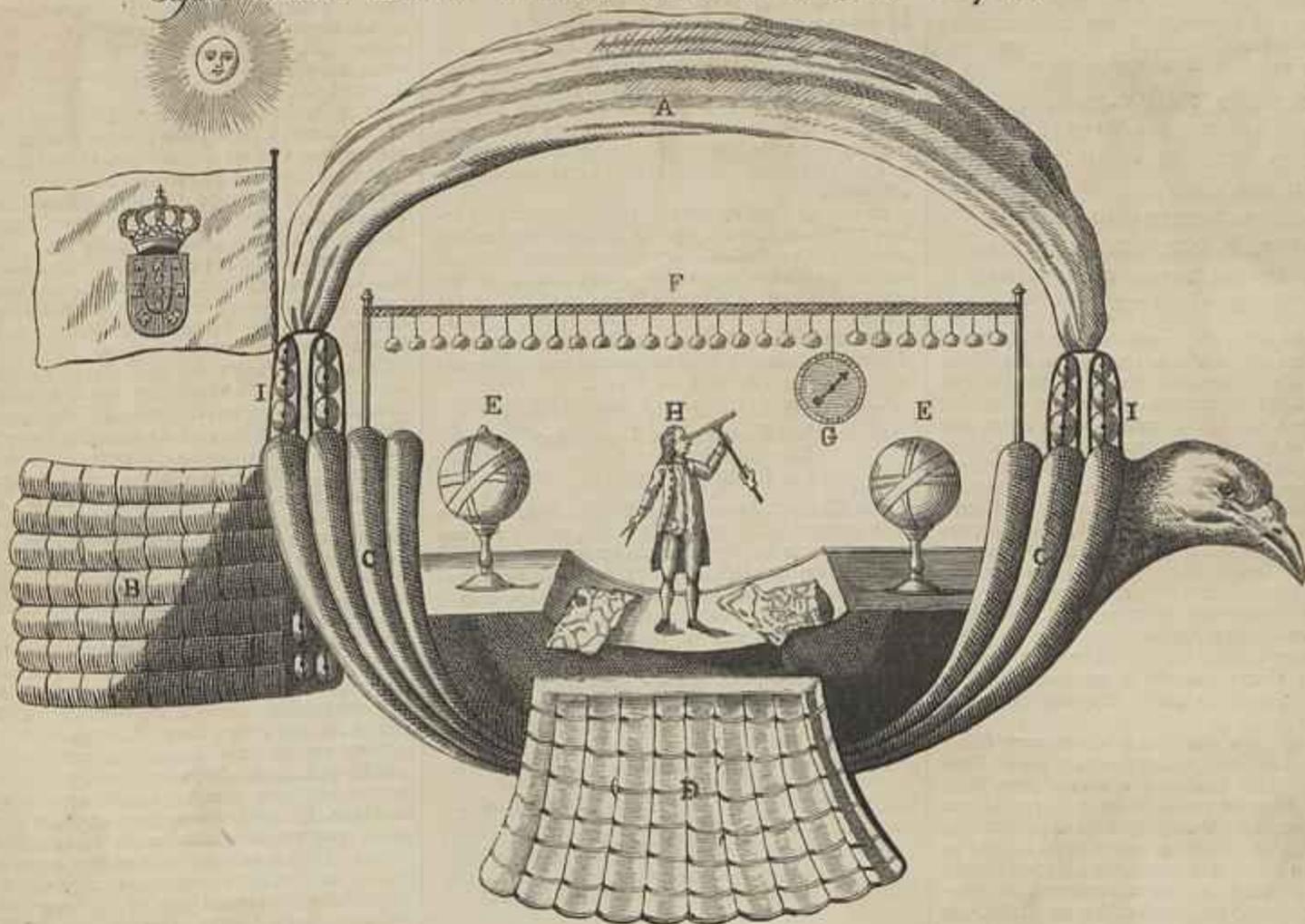


Fauco de rochas no golfo de Siao
 Dama de gerarchia
 Mosteiro Buddhista em Phrabat

Somdech-Phra rei de Siao
 Bangkok
 Uma actriz siamesa

Ruinas do templo e estatuas de Buddha em Ajuthia
 Um principe Siames
 Pagode moderno em Ajuthia

Figura da nova Barca inventada em Lisboa no Anno de 1709.

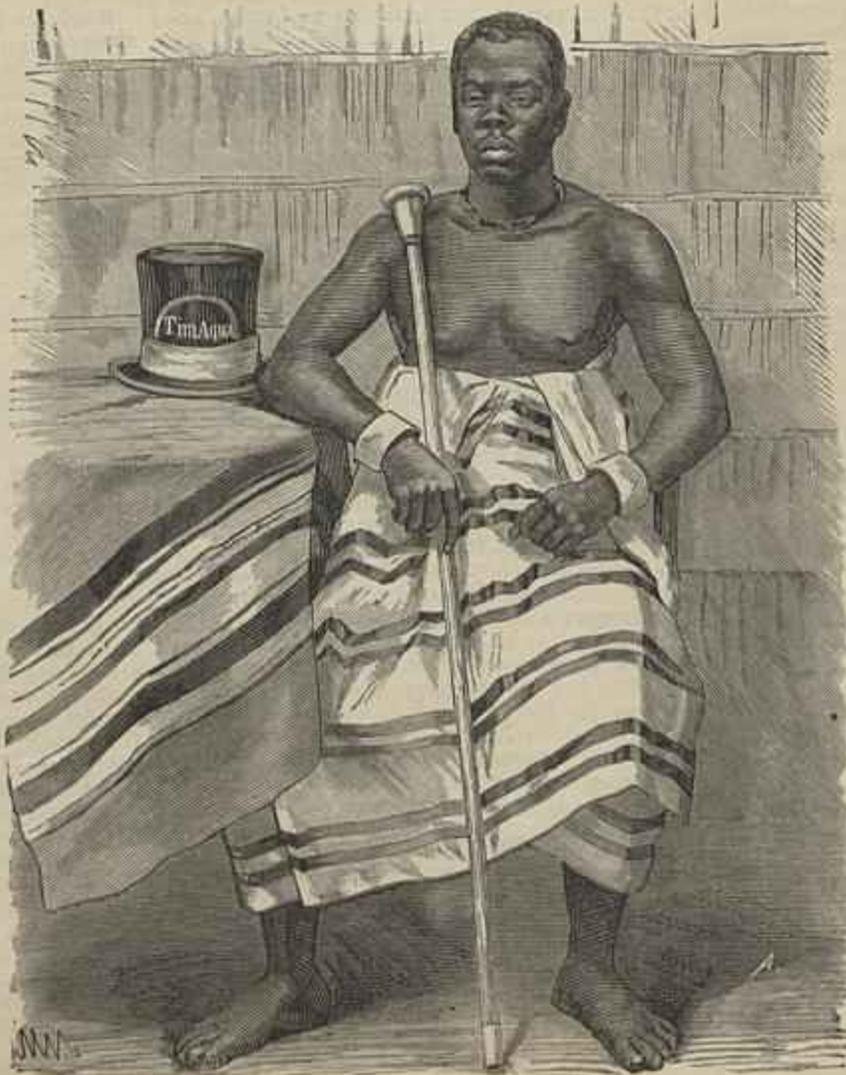


FAC-SIMILE DA GRAVURA PUBLICADA EM 1774 (?) Vid. artigo Centenario da invenção dos aerostatos, etc.

Em 1567, quando a rainha D. Catharina ordenou que se fundasse definitivamente uma cidade nas margens do Guanabara, foi então que o plano da cidade actual se traçou no sitio em que hoje se eleva. Fez o novo estabelecimento ao principio mui insignificante progresso. Parece que não occupava mais que o espaço que actualmente occupa o forte do Calabouço. Algumas casas da epocha da fundação, a fortaleza e a igreja de S. Sebastião, ainda existem como monumentos os mais authenticos da antiga cidade.

Nos principios do seculo xvii, quando os Paulistas descobriram as minas abundantes de Minas Geraes, a fama d'estas riquezas atrahiu de Portugal numerosos colonos, que se estabeleceram no Rio de Janeiro. Foi então que este concurso de colonos tornou indispensavel a construção de novas habitações, indo depois successivamente augmentando, até attingir as grandiosas proporções que hoje possui, com os seus 300:000 habitantes approximadamente, sendo 100:000 portuguezes.

Os edificios e monumentos principaes da cidade, são: o edificio da alfandega, as dokas, o correio, o edificio da bolsa, ministerio da agricultura, banco do Brazil, estatua equestre de D. Pedro I do Brazil e D. Pedro IV de Portugal, a casa da moeda, da municipalidade, typographia nacional, gabinete portuguez de leitura, igreja da Candelaria, hospital da misericordia, beneficencia portugueza, hospicio D. Pedro II, escola medica, e outros muitos que seria impossivel consignar no limitado es-



TIM AQUA, REI DO GARÃO (segundo uma photographia)

Vid. artigo A questão do Zaire, etc.

paço de uma carta. De todos posso desenhos e notas circumstanciadas, para a seu tempo as descrever.

O monumento mais celebre do Rio de Janeiro é a fonte da Carioca. Construida no meiado do seculo passado, é de architectura romana, de forma elegante e graciosa.

Um aqueducto semelhante ao das aguas livres de Lisboa, conduz as aguas dos contrafortes do Corcovado a esta fonte.

Uma tradição poetica, segundo alguns fluminenses, diz que depende da nascente principal, que alimenta a fonte, a designação que tem.

Dizem que uma rapariga de raça ethiopica, que residia na collina das Paineiras, junto ao Corcovado, se transformara em formosa carioca, só porque todos os dias — durante nove mezes — bebeu e se banhou na nascente principal, e que d'este facto provém o nome de fonte da Carioca.

Aqui tem o amigo Mattos, como a raça ethiopica pôde obter caracteres arianos sem ser por meio de cruzamento. Esta descoberta pertence-me, e d'ella vou já requerer privilegio, antes que algum lambareiro se vá lambeber com ella...

Dizem ainda, que presentemente as aguas da Carioca dão aos musicos e cantores vozes suaves e melodiosas, e que tornam mimosos os rostos das damas que n'ellas se banham.

Será esta a razão porque as fluminenses são tão meigas e formosas? Estou já a advinhar o pedido que o amigo me fará depois de ler isto. Mandar-lhe-hei uma duzia de garrafinhas da

milagrosa agua, para distribuir pelos nossos amigos, conselheiro Serra Moura, Carvalho Portella, e D. Jorge A. de Mello. Fique descansado.

O aqueducto, como se lê na lapide collocada no arco que está á entrada da rua de Riachuelo, foi construido em 1750.

Na lapide referida lê-se o seguinte:

ELREY D JOÃO V. NSR,
MANDOU FAZER ESTA OBRA PELO
ILLMO EXMO SR GOMES FREIRE DE
ANDRADA D SEU CONS

SARG MOR D BATALHA DE SEUS EX-
ERCIT, GOVR, E CAPIT GENRL DAS CA-
PTNS DO RIO DE JANR, E MINAS GERS
ANNO MDCCL

Por decreto de 9 de agosto de 1817, foi prohibido o corte de madeira, lenha, etc. em todos os terrenos da collina de Santa Thereza e circumvisinhos das nascentes da Carioca e no alto da serra do Corcovado, para que a agua não afrouxasse, e um dia desaparecesse com a destruição das florestas. Parece que esta previdencia, como outras no mesmo sentido, passaram ao esquecimento; porque o sr. barão de Escragnoille ainda hoje pede ao governo, que não permita a destruição das florestas em roda da corte, e que mande fazer novas plantações nos terrenos desprovidos de arvoredo. Os conselhos que a experiencia ministra são os mais acertados, mas quasi sempre chegam tarde.

Nos mappaes antigos do Brazil, o paiz é designado *Vera Cruz*; todavia, desde o meiado do seculo XVI, ou mesmo antes, lhe substituíram o de Brazil.

O pau a que os aborigenes chamavam *ibirapitanga*, recebeu dos portuguezes o nome de Pau-Brazil (*caesalpinia echinata*) e serviu para designar depois uma extensão de mais de 900 legoas de costa. Depois da descoberta da America, dava-se o nome de Brazil a certos paus de que se extrahia uma materia corante. Esta denominação vem da palavra *brança*, por se parecer á cor produzida pelo fogo na combustão da lenha em brasa.

O bairro de Botafogo é encantador; com os seus elegantes *chalets*, rodeados de deliciosas charras, com as suas ruas espaçosas e bem calçadas e os seus palacetes aristocraticos, offerece ao viajante uma agradável impressão de novidade. É aqui que reside a elite da sociedade fluminense. As Laranjeiras, aonde está situado o palacio do sr. conde d'Eu, e S. Christovão, aonde reside habitualmente a familia imperial, são igualmente bairros excellentes e bellissimos.

Todos os suburbios do Rio de Janeiro são de uma belleza indizível.

A Tijuca, que é a Cintra do Brazil, está situada a 12 kilometros a sudoeste da corte; assenta n'uma quebrada da serra do mesmo nome, a 663 metros acima do nivel do mar, d'onde se descobre um panorama extenso e pittoresco, como difficilmente se verá n'outra região do globo. A povoação, formada por lindas habitações, com terrenos ajardinados em volta d'ellas, são habitadas, na estação calmosa, pelos capitalistas da cidade do Rio.

Aqui tem o nosso patricio, o sr. commendador Manuel Salgado Lenha, uma elegante habitação onde esteve hospedado o tempo que alli demorei, quando visitei este aprazível logar.

Tem a Tijuca muitas catadupas de crystallina agua, sendo as principaes a denominada *Cascata grande*, a *Diamantina*, a *Cascatinha*, da qual lhe envio o desenho, e outras de que tirei esboços. Estas catadupas são formadas pelos rios *Maramacá* e o *S. João*, que vão desaguar no mar. A *Vista chinezã*, as *Grutas do Agassis* e a *Floresta do Estado*, são pontos da Tijuca dignos de se visitar.

A *Floresta do Estado* está a 16 kilometros da cidade do Rio de Janeiro e a 4 da povoação da Tijuca, sendo a sua area de 363 hectares. Situada em terreno montanhoso, eleva-se gradualmente de 500 a 1200 metros acima do nivel do mar; sendo esta altitude do — *Pico da Tijuca* — o ponto mais elevado da floresta.

Existem até hoje plantadas na floresta 125:000 arvores de lei, além de milhares de outras que nascem espontaneamente, algumas das quaes, embora não sejam proprias para fornecer madeira de construcção e marcenaria, são todavia conservadas alli para protecção dos mananciaes, como arvores de ornamento e exemplares da flora brasileira.

Durante o anno findo passaram dos viveiros para os cestinhas 3:395 plantas. Abriram-se 3:420 covas com cerca de 1 metro de profundidade

sobre outro tanto de largura; n'estas, convenientemente preparadas com detritos da floresta, já foram transplantadas 282 arvores. Plantaram-se, em terreno não preparado, em substituição de outras que morreram, 11:402 arvores.

O serviço é feito por um director, actualmente o sr. barão d'Escragnoille, que obsequiosamente nos forneceu estes apontamentos; um ajudante e 23 trabalhadores. A floresta é cortada por caminhos — alguns de rodagem — muito bem construidos e no melhor estado de limpeza e acção que se pôde desejar, medindo 24 kilometros de extensão.

Existe na floresta uma escola de primeiras letras regida pelo escripturario do estabelecimento não só para os filhos dos empregados como para todos aquelles a quem isso possa convir; sendo admittidos sem distincção de cor ou nacionalidade.

Ha uma trindade que muito concorre para o desenvolvimento e boa ordem em que se encontra a floresta nacional da Tipica.

Campõe-se das seguintes personalidades:

Sua Magestade o Imperador
Visconde do Bom Retiro
e o Barão d'Escragnoille

Sua Magestade o Imperador, sempre solícito pelo engrandecimento do Imperio, nunca o comparando com qualquer outro interesse pessoal, é um homem que só descança variando de trabalho; que falla todos os dias e a todos com a maior franqueza e benevolencia, nunca teve uma palavra menos polida para ninguem; e que nunca se excusa a fazer justiça tão inteira como as leis do seu paiz, que dignamente rege. É um grande caracter como convem ao chefe d'uma grande nação. Em fim, Sua Magestade Imperial é olhado como o primeiro magistrado do Imperio brasileiro, e não como soberano.

(Continua)

A. Lopes Mendes.

AS NOSSAS GRAVURAS

MULHER DOS ARREDORES DO PORTO

A gravura da nossa primeira pagina representa um dos variados typos de mulheres do Douro que, todos os dias se avistam na cidade do Porto, onde vem vender nos mercados as fructas, hortaliças, legumes, etc. das suas aldeias.

O seu traje é extremamente pittoresco realçado pelo ouro que lhe pende das orelhas e do collo indo descansar sobre o peito que fica completamente coberto de corações e imagens da virgem tudo de filigrana do precioso metal.

Esta riqueza representa ordinariamente o fruto das suas economias e quanto tem quanto trazem em cima de si, e a paixão que tem pelas joias obrigam-nas muitas vezes ás maiores privações, para adquirirem mais um coração, mais uma conta para o collar de ouro, etc.

Estas mulheres do Douro assim como as do Minho são de uma grande actividade, trabalhando na lavoura e no seu commercio e em mais vigor que os homens d'aquellas provincias.

ANTONIO JOSÉ PEREIRA SERZEDELLO JUNIOR

O corpo de commercio de Lisboa perdeu em Serzedello Junior um dos seus mais illustres e honrados membros. Inteligencia privilegiada, espirito cultivadissimo, trabalhador infatigavel Serzedello Junior foi a honra e a gloria dos homens de commercio do seu paiz.

Afastado dos brilhantes estudos a que o chamava o seu talento notavel, pelas necessidades d'auxiliar seu pae na gerencia da casa commercial que elle dirigia em chefe, Antonio José Pereira Serzedello Junior, desforrou-se no estudo aturado de gabinete, na tenacidade do trabalho intellectual da falta d'um curso superior, que ao entrar na vida tivesse aberto logo ao adolescente os amplos horisontes do mundo scientifico.

Nascido em Lisboa em 25 de janeiro de 1826, Serzedello Junior teve apenas o tempo de fazer o seu curso de commercio — então deficientissimo — e chamado logo para trabalhar na administração da acreditadissima casa commercial Serzedello & C.ª, e ahi se conservou até ao fim da vida fazendo-a prosperar com a sua sabia gerencia e a sua illustrada direcção.

Estudando a fundo a sciencia economica, como indispensavel complemento á sua educação de negociante, Serzedello Junior viu n'essa sciencia nova mais do que a sciencia do commercio, a sciencia fundamental de toda a sociallogia.

E sob esse ponto de vista nobre e elevadissimo, Serzedello Junior dedicou-se de coração ao estudo d'essa sciencia, e foi esse estudo intelligente e persistente que lhe deu o seu grande nome como orador, a sua nomeada justissima como escriptor financeiro, os seus abalissados creditos de publicista e o seu titulo honrosissimo de academico.

Vinculando o seu nome aos annaes dos mais aureos tempos do *Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas*, Serzedello Junior creou ahi um nome laureado com as suas conferencias sobre assumptos economicos, e dedicou-se especialmente á resolução do eterno problema da divisão da riqueza e do trabalho.

Para esses estudos aridos e difficéis, Serzedello Junior levava sempre, e foi essa a sua qualidade caracteristica como orador, a phrase elegante e amena, o estylo lucido e attraente, que lhe valeram todos os seus triumphos.

Serzedello Junior foi fundador da Associação dos Empregados no Commercio e Industria, membro da Associação Commercial de Lisboa, do Monte-pio Commercial, da Associação 1.ª de Dezembro, da Associação protectora do Asylo D. Pedro V; collaborador financeiro do *Jornal do Commercio*, do *Diario de Noticias*, do *Archivo Commercial*, da *Federação*, da *Revolução de Setembro*, cuja redacção principal assumiu, durante a ausencia temporaria de Antonio Rodrigues Sampaio que era seu amigo intimo.

Além de todos esses trabalhos dispersos no oceano do jornalismo quotidiano, Serzedello Junior deixou um livro d'alto valor, publicado em 1857 — *Os bancos e os principios que regem a emissão e circulação de notas*, livro que lhe deu a nomeação de socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Sem nunca fazer da politica profissão principal Serzedello Junior, era filiado no partido regenerador, que sempre serviu com a maxima lealdade, foi uma vez apenas candidato a deputado, por um dos circulos de Lisboa, mas perdeu a eleição, e a sua voz sonora e auctorizada nunca se fez ouvir no parlamento portuguez. Serzedello Junior foi por varias vezes vereador da camara de Lisboa, membro do concelho do districto, vogal do concelho de Commercio e Industria, do concelho geral das alfandegas, director da Companhia de Fiação e Tecidos, e do Banco de Portugal, e quando morreu era presidente da junta geral do districto.

Roubado á vida aos 57 annos, quando havia ainda muito a esperar do seu talento, da sua probidade, da sua actividade, da sua illustração Serzedello Junior deixou no mundo fundas saudades entre os seus amigos que eram numerosos e os seus protegidos que eram immensos, porque as qualidades de coração equalavam n'elle as de intelligencia, e um nome honrado e glorioso, pelo talento e pelo trabalho.

Que descanse em paz!

A QUESTÃO DO ZAIRE

E O

MAJOR LUIZ QUILLINAN

(Conclusão)

A questão do Zaire, que traz cada vez mais preocupado o espirito publico, sendo uma questão de simples demonstração e de inquestionavel direito, tem-se complicado e vae-se complicando a ponto que só poderá ser resolvida por meios diplomaticos, visto não podermos já dispor d'aquelles que dispunhamos até ao seculo XVI, para a resolução das nossas pendencias.

Na serie de descobrimentos portuguezes apprehendidos desde o principio do seculo XV é um dos mais importantes o do Zaire por Diogo Cam em 1484, que em 1486 fez o seu completo reconhecimento, do que dão prova os padrões, um dos quaes na ponta que d'elle se ficou chamando do padrão, que os francezes ha pouco insolitamente occuparam.

Não se limitavam os descobrimentos ao simples reconhecimento do litoral, mas immediatamente se penetrava no interior e se estabeleciam relações com os potentados dominantes.

O primeiro com quem ellas se estabeleceram foi com o rei do Congo. O nosso Camões não esqueceu esse grande traço da nossa historia colonial, quando diz:

*Alli o mui grande reino está do Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.*

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:
 NOTAS A SEBENTA do dr. Avelino Cesar Callisto, lente de historia ecclesiastica portugueza... Porto na Livraria de Ernesto Chardron, 1883.—8.º francez de 15 paginas em que o sr. Camillo Castello Branco analysa um trecho da tal sebenta, que julgou offensivo do seu caracter litterario, e procura demonstrar os erros e injustiças que se contém no referido trecho.

O SR. CAMILLO CASTELLO BRANCO E AS SUAS NOTAS A SEBENTA por Avelino Cesar Augusto Callisto, lente cathedratico da faculdade de Direito—Distribuição gratuita, e venda prohibida pelo auctor. N'este folheto de 13 paginas de 8.º impresso em Coimbra na Imprensa Litteraria, 1883, e que o auctor dedica ao publico, regeita o sr. dr. Callisto a paternidade das expressões que se leem na tal sebenta, e combate o que a seu respeito dissera o sr. Camillo no opusculo antecedente.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, n.º 2 e 3 de 1883. Incluem estes dois fasciculos muitos artigos curiosos sendo os que mais nos interessam os que tem por titulo — Breves considerações sobre o Zaire. — Projecto para o levantamento hydrographico da costa de Angola, com um annexo de exploração de historia natural, etc. — Associação de soccorro e monte-pio geral da marinha assumpto que está chamando a attenção de todos; — Apparelho automatico portuguez para arriar escalares ao mar com todo o tempo. — Conservação dos cascos dos navios de madeira. Encerra ainda outros dignos de attenção.

LES AFFAIRES ESPAGNOLES, hispano-colonieles, portugais et sud-americains, journal paraissant le 5 de chaque mois, especialmente consagrado aos bancos, caminhos de ferro, cannaes de irrigação, seguros, minas etc. da peninsula e America do Sul, numeros de 5 de março, e 5 de abril. — Paris, rue de la Victoire, 41; Madrid, Calle de las Veneras, 5.

PEQUENO VOCABULARIO PORTUGUEZ. — Kleines Vokabelbuch und erste Anleitung zum portugugiesisch Sprechen nebst einer kurzgefassten Grammatik von E. Post — Berlin 1882 — B. Behr's Verlag (E. Bock) — Leipziger — Strasse 37. 8.º de VIII — 103 paginas. E com praser que vemos uma senhora da capital da Allemanha do norte occupar-se da nossa lingua e de publicar um vocabulario tão util para os allemães, como para os portuguezes. Algumas imperfeições, inevitáveis em quem não vive em Portugal, serão de certo corrigidas em edições posteriores. A utilidade d'estas publicações recommenda-as por si mesma.

O MANDARIM, Lisboa, Empreza-Litteraria Luso-Brazileira — Editora, 140, rua dos Correios —

1883. Fasciculo em 16 de 47 pag. publicação periodica humoristica, que não vem ao gremio da imprensa, segundo diz o auctor, cumprir missão nenhuma, contentando-se unicamente de ser a chronica da decadencia.

ESBOÇOS DO NATURAL, por Julio Lourenço Pinto, Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores, 12, Largo dos Loyos, 1883. Esta colleção de contos de estilo facil e corrente,

vel convivencia que com elle tivemos, podemos reconhecer a vastidão dos seus recursos intellectuaes, e a pujança da sua solida instrução.

JULIETA DOS SANTOS, HOMENAGEM AO GENIO DRAMATICO BRAZILEIRO — Desterro, Typ. Commercial, Rua da Constituição 1883 4.º de 44 pag.—O seu titulo diz o que é, uma homenagem de varios poetas ao talento d'aquella actriz. Ha em muitos d'esses versos exagerações pasmosas.

ALBUM DAS GLORIAS, desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro, texto de João Ribaixo, lithographias de Justino R. G. Guedes, Lisboa. N.º 34 e 35 com desenhos representando um a Universidade de Coimbra na figura de uma velha arrebicada do seculo passado, e o outro o sr. Rosa Araujo. Os desenhos e o texto que os acompanha são engraçados.

A SOCIEDADE DE HOJE, Revista semanal scientifico-Litteraria, redactores e proprietarios José Pinto de Queiroz Magalhães e José Carlos Ehrhardt. Estão já publicados dez numeros d'este semanario que principou a ver a luz no Porto em Março ultimo. Tem uma collaboração muito variada e instructiva.

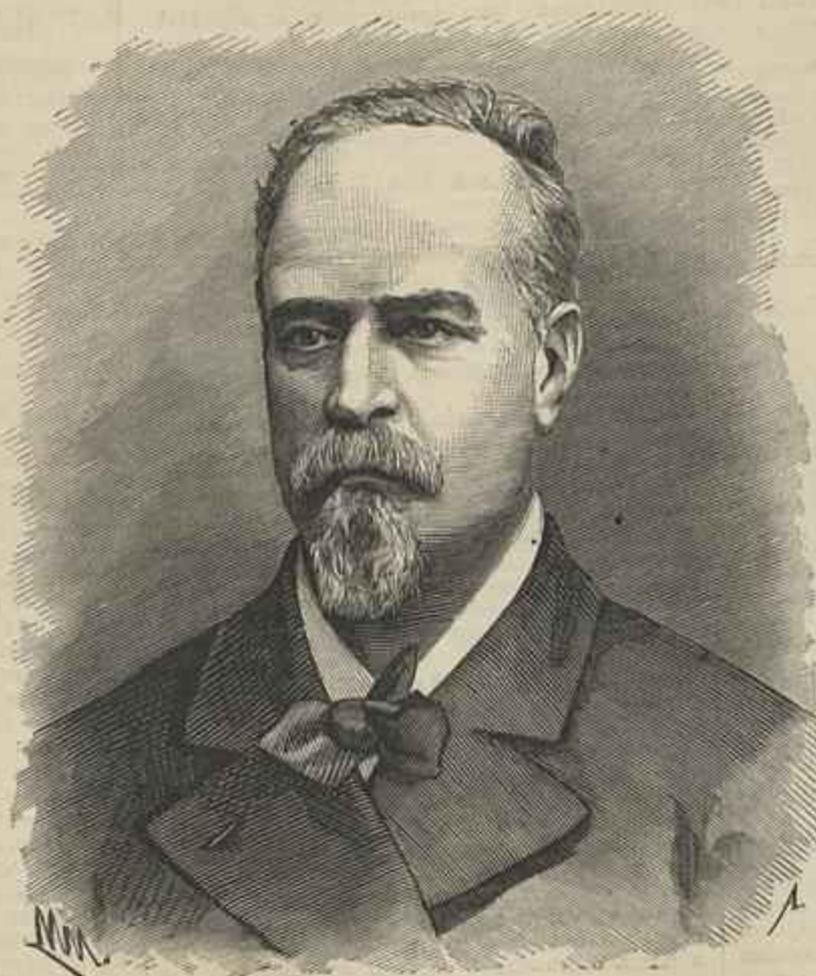
RELATORIO DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO NO ANNO DE 1882, para ser apresentado á Assembléa Geral de 15 de Fevereiro de 1883 etc. Este relatorio contém 46 pag. em que dá conta do movimento d'aquelle estabelecimento e mais 17 pag. com a lista dos srs. accionistas. No parecer do conselho fiscal reconhece-se a necessidade do banco alargar as suas transações com respeito ás provincias ultramarinas, e diz que para isso está a gerencia trabalhando, esperando opportunamente apresentar as suas propostas.

AS COLONIAS PORTUGUEZAS, Revista illustrada, direcção e redacção efectiva G. D. Pessoa Allen, H. de Carvalho, Manuel Ferreira Ribeiro, etc. Lisboa. Estão já publicados cinco numeros correspondentes a janeiro, fevereiro, março, abril e maio e a importancia dos assumptos d'este periodico que se propõem a advogar os interesses das colonias portuguezas.

OS SAES DAS AGUAS DE MOURA, E AS AGUAS DE VICHY. Certamen Humanitario por Leonardo Torres, etc., Lisboa. Folheto de 26 pag. em que o seu auctor demonstra as vantagens dos Saes das Aguas de Moura em competencia com as Aguas de Vichy.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA 6, Rua do Thezouro Velho, 6



ANTONIO JOSÉ PEREIRA SERZEDELLO JUNIOR — Fallecido em 23 de abril de 1883 (segundo uma photographia)

tem toda a singeleza das paisagens certanejas e leem-se de um folego sem enfadarem. Tem quadros bem desenhados e não tem as demasias que empanam as obras de outros auctores modernos.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA 4.º anno n.º 3 — Ernesto Chardron editor. Este numero é dedicado á transcripção dos artigos que a imprensa tem escripto acerca do opusculo do sr. conego Alves Mendes, intitulado — Os meus plagios — no qual o auctor rebate e refuta as asserções e criticas que lhe foram feitas com relação ao seu bello livro — A Italia — alcunhando-o de plagiario. Conhecemos de perto o sr. Alves Mendes e em alguns dias da mais ama-

EXPEDIENTE

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmias, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884.

Recebem-se tambem annuncios, mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882 e 1883, até ao dia 25 de junho do corrente anno.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882 E 1883

Cada um..... \$200

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA

PELO COMMENDADOR GIL VAZ

Um volume de 240 paginas illustrado por M. de Macedo..... \$200

A COMEDIA BURGUEZA

1

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por Leite Bastos

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 paginas illustrado por M. de Macedo..... \$200

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.